

“A *mulher silenciosa* é um desses livros impossíveis de largar, que **SURPREENDE A CADA PÁGINA**. A prosa de A. S. A. Harrison é sutil e, ainda assim, devastadora. Profundamente inquietante.

–THE GUARDIAN

“Fique esperta, *Garota exemplar!*”

–USA TODAY

“O burburinho em torno do livro é totalmente justificado. A comparação com o mega-seller *Garota exemplar*, de Gillian Flynn, é inevitável, mas *A mulher silenciosa* é psicologicamente mais interessante.”

–THE TIMES

“**AFIADO, ESPIRITUOSO, SOMBRIO E TOTALMENTE ARREBATADOR.**

Um rival à altura de *Garota exemplar*, tanto em complexidade psicológica quanto em excelência.”

–DAILY MAIL

“**A MULHER SILENCIOSA É UM LIVRO RÁPIDO E CORTANTE COMO UMA FACA.**”

–NEWSDAY

“A lenta e fatal desintegração de um casamento é tratada de maneira extremamente verossímil no primeiro – e infelizmente último – romance de A. S. A. Harrison. À medida que a história avança num território traiçoeiro, a

PROSA ELEGANTE E INCISIVA se torna mais sombria e perigosa.”

–THE OBSERVER

“**UM HIT... E É FÁCIL ENTENDER O MOTIVO.**”

–THE SUN

“Este livro de estreia **PERFEITAMENTE BEM CONSTRUÍDO** oferece perspicazes insights sobre as queixas que se acumulam ao longo dos relacionamentos e sobre até onde uma pessoa pode ir quando seu mundo desaba.”

–SUNDAY TIMES

“**O LIVRO SOBRE O QUAL TODO MUNDO VAI FALAR**

Que será a escolha de inúmeros clubes do livro e que terá exemplares surrados passando entre amigos e colegas de trabalho com entusiasmas recomendações. Dizer que um romance é uma **LEITURA OBRIGATÓRIA** é algo muitas vezes banalizado e nem sempre merecido, mas *A mulher silenciosa* justifica os aplausos que vem recebendo.”

–SUNDAY EXPRESS

“Se você gostou de *Garota exemplar*, vai amar este *thriller* psicológico perturbador.”

–SUN ON SUNDAY

“**O BEST-SELLER DA TEMPORADA.**”

–DAILY TELEGRAPH

“Muitíssimo bem escrito e com um ritmo alucinante, para não mencionar as reviravoltas engenhosas.

Fãs de *Garota exemplar*
VÃO AMAR ESTE LIVRO.”

–SUNDAY MIRROR

“**UM SUSPENSE PSICOLÓGICO INTELIGENTE.**”

–MAIL ON SUNDAY

“Harrison tece com maestria uma história de suspense em que o principal mistério é revelado desde o início, o que não é uma tarefa fácil para um escritor. É a história sobre o fim de um casamento, o fim do amor, e sobre como segredos enterrados por muito tempo podem causar tantos estragos.”

–THE CLEVELAND PLAIN DEALER

A
MULHER
SILENCIOSA

A
MULHER
SILENCIOSA

A. S. A. Harrison

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © A.S.A. Harrison, 2013

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, em quaisquer meios. Publicado mediante acordo com Penguin Books, membro do Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House.

TÍTULO ORIGINAL
The Silent Wife

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Juliana Trajano
Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
H261m

Harrison, A.S.A., 1948-2013

A mulher silenciosa / A.S.A. Harrison ; tradução Alexandre Raposo. -
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

256 p. ; 23 cm.

Tradução de: The silent wife

ISBN 978-85-8057-522-4

1. Romance canadense. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

14-10536

CDD: 81913

CDU: 821.111(71)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Jonathan

AGRADECIMENTOS

Agradeço a John Massey, por trilhar esta estrada comigo; a Beth Kapusta, minha primeira e melhor leitora; aos psicoterapeutas Diane Scally e Elly Roselle, por compartilharem seus conhecimentos e ideias; a Margaret Dragu, por me mostrar como é a vida do clube por dentro; e a Bruce Bailey, pela generosidade de me emprestar suas residências. Pelo dedicado garimpo de locações, sou grata a Lisa Harrison, Chelsea Nash-Wolfé, Barb Webb, Steve Reinke e Philip von Zweck. Ninguém merece mais agradecimentos do que minhas agentes, Samantha Haywood e Kimberly Witherspoon, além de William Callahan, que também merece todo o reconhecimento. Meu muito obrigada também a minhas editoras, Tara Singh, Adrienne Kerr e Marion Donaldson, e à preparadora dos originais, Sheila Moody. Por último mas não menos importante, estou em dívida com Karyn Marcus, cuja edição mudou tudo.

P R I M E I R A P A R T E

E L A E E L E

1
E L A

É início de setembro. Jodi Brett está na cozinha de sua casa, preparando o jantar. Graças à planta livre do apartamento, seu olhar cruza a sala de estar até alcançar as janelas que dão para o leste e, mais além, a vista do lago e do céu, que a luz vespertina tinge de um azul uniforme. O horizonte, uma linha fina em uma tonalidade mais escura de azul, parece muito perto, quase ao alcance da mão. Jodi gosta daquele arco limitador, da sensação que lhe dá de estar cercada. É o que há de melhor em sua casa: esse sentimento de aconchego, em seu ninho no vigésimo sétimo andar.

Aos quarenta e cinco anos, Jodi ainda se vê como uma mulher jovem. Não se preocupa com o futuro, mas vive muito intensamente o presente, concentrando-se no cotidiano. Supõe, sem nunca ter pensado a respeito, que as coisas seguirão indefinidamente nesse caminho, imperfeito embora totalmente aceitável. Em outras palavras, está profundamente alheia ao fato de que sua vida está chegando ao auge, de que sua resiliência juvenil — que vem sendo lentamente erodida por seu casamento de vinte anos com Todd Gilbert — está se aproximando de um estágio final de desintegração, de que suas noções sobre

si mesma e de como deve proceder são muito menos estáveis do que ela supunha, já que dentro de poucos meses ela se tornará uma assassina.

Se alguém dissesse isso a Jodi, ela não acreditaria. Homicídio é uma palavra que quase não faz parte de seu vocabulário, um conceito sem significado, tema de notícias cujos protagonistas ela não conhece nem nunca conhecerá. Ela acredita ser muito improvável que o desgaste diário da vida familiar possa chegar à violência doméstica. Há razões para tal incompreensão que vão além de seu simples hábito de autocontrole: ela não é nenhuma idealista, acredita em consertar o mal com o bem, não incita brigas, assim como não é facilmente induzida a elas.

O cão, um golden retriever de pelo louro e sedoso, senta-se a seus pés enquanto ela usa a tábua de cortar. De vez em quando, lança uma rodela de cenoura crua para o bicho, que a abocanha e a tritura alegremente com os molares. Esse lançamento de legumes antes do jantar é um antigo ritual que Jodi e seu cão mantêm desde que ela o trouxe para casa, um filhote rechonchudo, para que Todd tirasse da cabeça aquela ânsia de ter filhos — que aparentemente surgira da noite para o dia, na época em que ele completou quarenta anos. Ela batizou o cachorro de Freud, na intenção de divertir-se com a possibilidade de zombar do misógino que ela foi obrigada a levar a sério na universidade. Freud peidando, Freud comendo lixo, Freud perseguindo o próprio rabo. O cão é infinitamente bem-humorado e não se importa nem um pouco em ser objeto de deboche.

Ela se entrega organicamente à atividade de picar legumes e verduras. Jodi gosta da intensidade da cozinha: a disponibilidade da chama de gás, o *timer* marcando os minutos, o imediatismo do resultado. Ela está atenta ao silêncio nos outros cômodos, tudo correndo para o momento em que ouvirá a chave dele na fechadura, um evento pelo qual anseia com prazer. Fazer o jantar para Todd ainda lhe parece uma ocasião especial, ela ainda se maravilha com o golpe de sorte que o trouxe para sua vida — uma oportunidade que não parecia favorecer encontros posteriores, muito menos um futuro de apetitosas refeições carinhosamente preparadas.

Foi em uma manhã chuvosa de primavera. Jodi estava ocupada com sua pós-graduação em psicologia, trabalhando à noite como garçonete, sobrecarregada, esgotada, mudando de casa, dirigindo pela State Street em uma van alugada repleta de objetos domésticos. Quando se preparava para mudar da faixa da direita para a da esquerda, talvez tenha olhado para trás. Não estava

muito confortável dirigindo a van, ainda não havia se acostumado com o veículo. Para completar, as janelas estavam embaçadas e ela perdera a entrada certa no último semáforo. Considerando tudo isso, é bem capaz que estivesse distraída, questão que mais tarde veio a ser muito discutida entre os dois. Quando ele atingiu a van pelo lado do motorista, fazendo-a rodopiar em meio ao tráfego, ouviram-se muitas buzinas e freadas, e antes que ela pudesse se recompor, antes que percebesse que a van tinha enfim parado e que ela estava perfeitamente bem, ele já estava gritando para a janela fechada dela:

— O que pensa que está fazendo, sua imbecil? Ficou maluca? Onde foi que aprendeu a dirigir? Está querendo matar todo mundo, é isso? Vai sair desse carro ou pretende ficar aí sentada igual a uma retardada?

O discurso de Todd naquele dia chuvoso não causou boa impressão, mas um homem envolvido em um acidente de trânsito fica furioso mesmo quando a culpa é dele, o que nesse caso não era, de forma que quando ele ligou, alguns dias depois, para convidá-la para jantar, Jodi educadamente aceitou.

Ele a levou à região de Greektown, onde comeram espetinho de cordeiro acompanhado por um retsina gelado. O restaurante estava lotado, as mesas próximas umas das outras, as luzes brilhantes. Acabaram precisando gritar por causa do barulho e rindo da impossibilidade de se fazerem ouvir. A conversa que conseguiram ter se reduziu a frases sucintas, como: “A comida é boa... Gostei daqui... Minhas janelas estavam embaçadas... Se não tivesse acontecido, nunca teria conhecido você.”

Ela não costumava ter encontros de verdade. Os rapazes da universidade a levavam para comer pizza e beber cerveja com dinheiro contado. Eles a encontravam no restaurante com a barba por fazer, ainda com as roupas com que tinham ido à aula. Já Todd vestira uma camisa limpa e fora buscá-la em casa de carro. Agora, estava sendo todo cuidadoso com ela, servindo-lhe o vinho, preocupado com seu conforto. Sentada a sua frente, Jodi gostou do que viu: a maneira como ele casualmente ocupava o espaço, seu ar de quem estava no comando. Gostou do jeito como ele passava a faca no pão e do fato de ter entregado o cartão de crédito sem olhar para a conta.

Quando voltaram à picape dele, Todd a levou até seu canteiro de obras em Bucktown, uma mansão do século XIX que ele estava convertendo de uma casa de cômodos para uma habitação familiar. Caminhando pelo terreno pedregoso, ele a pegou pelo cotovelo delicadamente.

— Atenção agora. Cuidado com o degrau.

Era uma monstruosidade neogótica de tijolos deteriorados, pintura descascando e janelas estreitas, com cumeeiras pontiagudas que lhe garantiam uma altura ameaçadora; uma aberração vulgar em uma rua repleta de estruturas quadradas, todas já totalmente restauradas. No lugar do pórtico da frente havia uma escada a ser escalada, e, no vestíbulo, um enorme candelabro caído de lado. A primeira sala parecia um cofre, com um pé-direito absurdamente alto, um monte de entulho e de fios pendurados.

— Aqui havia uma parede — disse ele, apontando. — Dá para ver a marca. Ela olhou para o chão, cujo revestimento havia sido retirado.

— Quando transformaram a casa em uma pensão, construíram um monte de paredes divisórias. Agora, voltou a ser como no projeto original. Dá para ver bem como vai ficar.

Ela achou difícil imaginar qualquer tipo de resultado final. O fato de não haver eletricidade e de a única luz ser o pálido brilho vindo dos postes da rua também não ajudou. Ele acendeu uma vela, pingou um pouco da cera em um pires e fixou-a na posição vertical. Fez questão de mostrar a Jodi o lugar, ambos carregando a vela pelos cômodos vazios: a futura cozinha, a sala havia muito desfeita, espaços provisórios definidos por paredes despojadas até as ripas. No andar de cima, a casa de cômodos era mais evidente: portas dos quartos com trincos e paredes pintadas em cores improváveis. O cheiro de mofo era forte, a atmosfera, lúgubre devido aos rangidos da madeira muito antiga e à ondulação da luz da vela, que projetava as sombras dos dois nas paredes e no teto tal qual fantasmas.

— Não é uma reforma — disse ele. — Tudo será refeito e modernizado. Piso de carvalho, portas maciças, janelas duplas... É o tipo de imóvel que todo mundo quer, uma casa antiga com personalidade, mas ao mesmo tempo totalmente sólida e atual.

Ele fizera tudo sozinho, continuou Todd, aprendendo o ofício à medida que prosseguia. Ele fazia aquilo em vez de cursar a universidade, pegara empréstimos e estava vivendo de crédito e de otimismo. Jodi entendeu quão endividado ele estava quando viu o saco de dormir enrolado, em um dos quartos, e o creme de barbear e a lâmina no banheiro.

— Então, o que acha? — perguntou ele quando desceram.

— Gostaria de ver quando estiver pronta.

Ele riu.

— Você acha que eu sou maluco.

— É um projeto ambicioso — admitiu Jodi.

— Você vai ficar impressionada.

Quando ela enfim o ouve entrar em casa, tanto o lago quanto o céu foram tomados por uma penumbra aveludada. Ela apaga a luz de teto, deixando acesas apenas as da cornija, para orquestrar um brilho suave. Tira o avental e lambe os dedos para alisar o cabelo das têmporas, em um gesto que é pura ansiedade pelo momento que se aproxima, todo o tempo atenta aos movimentos dele no vestíbulo. Ele brinca com o cão, pendura o paletó e esvazia os bolsos na vasilha de bronze sobre o aparador. Há um breve silêncio enquanto ele verifica a correspondência. Ela arruma no prato uma truta defumada e alguns biscoitos em leque.

Ele é um homem grande com cabelo cor de areia, olhos de ardósia cinza e uma enorme carga de vitalidade. Quando Todd Gilbert chega num local, as pessoas despertam. É o que ela diria se alguém lhe perguntasse do que mais gosta nele. Também do fato de que ele consegue fazê-la rir quando quiser, e de que, ao contrário de muitos homens, sabe lidar com múltiplas tarefas — mesmo enquanto fala ao celular, consegue abrir o fecho do colar dela ou mostrar-lhe como usar um saca-rolhas de sommelier.

Ele lhe dá um beijo na testa e, esticando-se junto a ela, pega as taças no armário.

— Parece bom. O que é isso? — pergunta, referindo-se à peça de carne recoberta por massa folhada, descansando na travessa.

— Bife Wellington. Já comemos antes, não lembra? Você gostou.

Preparar os martinis é função dele. Enquanto ela bate uma marinada para os legumes, fica atenta ao barulho dos cubos de gelo e à pungente fragrância do limão que ele corta com a faca. Ele tromba com ela, derruba as coisas, fica no seu caminho, mas ela gosta de tê-lo por perto, gosta de sua reconfortante corpulência. Ela sente os aromas de seu dia, gravita ao redor do calor do corpo dele. Ele é um homem cujo toque é sempre quente, uma questão de importância orgânica para alguém que é quase sempre fria.

Após deixar o martini de Jodi no balcão, ele leva sua taça e a truta para a sala, onde ergue os pés e abre o jornal que ela deixou para ele na mesa de centro, cuidadosamente redobrado. Ela coloca as vagens francesas e as cenourinhas em compartimentos diferentes da panela elétrica e toma um primeiro gole, apreciando a rapidez da vodca em alcançar a corrente sanguínea e se espalhar por seus membros. Do sofá, ele faz comentários sobre as notícias do dia: as próximas Olimpíadas, a alta nas taxas de juros, a previsão de chuva. Após co-

mer a maior parte da truta e tomar o último gole de martíni, ele se levanta e abre uma garrafa de vinho, enquanto ela corta a carne em fatias grossas. Os dois levam os pratos até a mesa, de onde têm uma visão do céu aveludado.

— Como foi seu dia? — pergunta ele, enchendo o garfo.

— Atendi Bergman.

— Bergman. O que ela tem para contar ainda? — Ele ataca a carne com concentração; fala sem tirar os olhos do prato.

— Ela me lembrou de que já faz três anos desde que fez o comercial de pudim. Acho que pretendia me atribuir parte da culpa.

Ele conhece os clientes dela pelos codinomes que Jodi lhes atribui. Uma vez que vêm e vão enquanto ele está no trabalho, ele nunca viu pessoalmente nenhum deles, mas ela o mantém tão atualizado que, de certa forma, ele é íntimo de todos. Jodi não vê nenhum mal nisso, desde que os nomes verdadeiros permaneçam em segredo. Bergman é o codinome da atriz desempregada cujo último trabalho — o lendário comercial de pudim — é uma lembrança longínqua.

— Então agora a culpa é sua — diz ele.

— Bergman acha que é o desespero dela que está afastando as pessoas e quer saber por que eu não a ajudei nesse aspecto. Droga. Estamos trabalhando nisso há semanas.

— Não sei como você aguenta.

— Se você a conhecesse, entenderia. Ela é corajosa, uma verdadeira guerreira. Não vai desistir nunca. Alguma coisa vai acabar mudando na vida dela.

— Eu não teria tanta paciência assim.

— Teria, caso se preocupasse com eles. Você sabe que os meus clientes são como filhos para mim.

Ela vê uma sombra atravessar o rosto dele e entende que a menção a filhos substitutos lhe lembra os filhos de verdade que ele não tem. Voltando a Bergman, Jodi continua:

— Mas eu me preocupo com ela. É um desses casos em que a pessoa não acredita em si mesma se ninguém a contrata, mas que ninguém contrata porque ela não acredita em si mesma. O problema é que não sei se realmente a estou ajudando. Às vezes acho que deveria desistir de ser terapeuta dela.

— Por que não faz isso? — pergunta ele. — Se não está conseguindo chegar a lugar nenhum...

— Bem, certamente não estamos *paradas* no mesmo lugar. Como eu disse, ela ao menos se deu conta de que está fazendo isso por si mesma.

— Adoro esse prato — diz ele. — Como você coloca a carne dentro da massa?

Como se colocasse um navio em uma garrafa, mas ela sabe que ele está falando sério. Para um homem que sabe erguer paredes e erigir fundações, Todd é surpreendentemente ingênuo quando se trata de culinária.

— A carne é embrulhada — diz ela. — Pense em um cano com isolamento.

Mas ele está olhando para o nada, parece nem registrar a resposta.

Ele sempre foi propenso a tais lapsos, mas é como se ultimamente estivessem mais frequentes. Em um momento ele está ali, no seguinte não está, levado por um rio de pensamentos, conjecturas, preocupações, quem sabe? Ele poderia estar contando até cem de trás para a frente ou recitando mentalmente os nomes dos presidentes americanos. Ao menos ela não pode reclamar de seu humor. Ultimamente ele tem estado mais alegre, mais parecido com seu antigo eu, a ponto de ela estar começando a pensar que a depressão é coisa do passado. Houve época em que ela teve medo de que pudesse ser permanente. Durou muito tempo e nem mesmo Freud conseguiu tirá-lo daquilo. Freud, o cachorro, era tão bom quanto um bobo da corte com suas travessuras patetas.

Ao menos ele conseguia fingir durante os jantares: servia bebidas, era simpático, fazia as pessoas se sentirem bem. Todd cativa as mulheres por ser muito inocente e gentil. *Rosalie, você voltou a beber da fonte da juventude. Deirdre, pode comer à vontade, você está ótima.* Ele também é gentil com os homens, deixando-os falar de si mesmos sem competir, e faz as pessoas rirem de suas imitações: o naturopata das Índias Orientais (*Você muito tenso... você dever ir com mais calma, mais calma*), o mecânico com sotaque jamaicano (*ô dotô, esse carro aí tá pedindo é três pneus novos... abre o capô, meu velho*).

Definitivamente, ele está melhor agora, mais vivo, disposto a rir, mesmo quando estão sozinhos, mais descontraído e fácil de levar, menos preocupado, mais parecido com o homem que foi nos primeiros anos — mas já vão longe os dias em que costumavam ficar nus na cama para ler o jornal, assistir aos jogos e dividir uma tigela de cereais, a caixa de leite equilibrada na cabeceira da cama, o açúcar derramando do saco e cobrindo os lençóis. Naquela época, tinham a liberdade de mal se conhecerem; tinham a sua frente a alegre possibilidade de um futuro tranquilo, com todas as portas ainda abertas e todas as promessas ainda totalmente cumpríveis.

— Uma moeda por seus pensamentos — diz ela.

As pálpebras dele estremece; ele lhe lança um sorriso.

— Isso está delicioso. — Ele pega a garrafa pela metade e volta a encher as taças. — O que achou deste vinho?

Ele gosta de falar sobre vinhos. Às vezes, toda a conversa do jantar gira em torno do que estão bebendo. Mas agora, em vez de esperar por uma resposta, ele bate com a palma da mão no lado da cabeça e exclama:

— Já ia me esquecendo! Vai ter uma pescaria no fim de semana. Alguns dos rapazes devem ir.

— Pescaria — repete ela.

Ele já comeu seus dois pedaços de carne e está limpando o molho do prato com um pedaço de pão.

— Saindo na sexta-feira após o trabalho. Voltando no domingo.

Todd não é dado a viagens de pesca, tampouco — ao menos que ela saiba — os outros rapazes. Ela entende imediatamente, sem dúvida alguma, que ele está usando o termo “pescaria” como um eufemismo.

— Você vai? — pergunta Jodi.

— Estou pensando em ir.

Ela ainda está na metade do seu jantar, então tenta se apressar. Jodi sabe como ele se irrita com o modo como ela come: dando minúsculas garfadas e mantendo-as eternamente na boca. Ela engole um pedaço semimastigado que se aloja em sua garganta e a faz engasgar. Galante, ele se levanta e lhe dá tapinhas nas costas enquanto ela tosse e arqueja. Afinal, o fragmento que causou o problema irrompe em sua mão. Sem olhar, ela o coloca na borda do prato.

— Depois me avise o que decidir — diz ela, usando o guardanapo para enxugar os cantos dos olhos. — Se você for, poderei limpar os tapetes. E fazer marmelada.

Jodi não planeja fazer nada disso, disse só por dizer. Ela sempre achou uma vantagem o fato de ele não mentir para ela, ou seja, ele não exagera os próprios feitos com detalhes capazes de transformá-los em mentiras. O problema aqui nada tem a ver com circunlóquios. O problema é que ele não costuma se ausentar nos fins de semana; passar o fim de semana fora é algo que ele nunca fez.

— Ei — diz ele. — Tenho um presente para você.

Ele sai da sala e volta com um pacote plano e retangular mais ou menos do tamanho de um livro de bolso, embrulhado em papel pardo colado com fita adesiva. Coloca-o sobre a mesa ao lado do prato dela e volta a se sentar. Ele lhe dá muitos presentes, coisa que ela adora, mas adora menos quando os presentes são destinados a apaziguá-la.

— Qual é a ocasião especial? — pergunta Jodi.

— Nenhuma.

Há um sorriso no rosto dele, mas a atmosfera está tensa. Objetos deveriam estar voando pela sala; cabeças deveriam estar girando sobre os pescoços. Ela pega o pacote e o descobre quase sem peso. A fita se solta com facilidade, e do interior de um sanduíche de papelão Jodi retira uma bela imagem, uma pintura Rajput original. A cena, retratada em azuis e verdes, mostra uma mulher trajando um vestido longo em um jardim murado. Cercada por pavões e por uma gazela, adornada com elaboradas joias de ouro, evidentemente ela não parece atormentada por quaisquer preocupações materiais ou mundanas. Galhos repletos de folha formam um arco protetor sobre sua cabeça e a grama sob seus pés é um imenso tapete verde. Eles analisam o retrato juntos, fazem comentários sobre as mãos com tatuagens de hena da mulher, sua cestinha branca, seu belo corpo que o tecido transparente do vestido deixa entrever. Ao observarem os finos detalhes e os blocos de cor plana, a vida dos dois volta ao normal. Todd acertou na compra. Seus instintos são bons.

Aproxima-se a hora de dormir enquanto ela limpa a mesa e começa a lavar os pratos. Ele oferece ajuda superficialmente, mas ambos sabem que é melhor que ela cuide da limpeza e ele leve o cachorro para passear. Não que Jodi seja terrivelmente exigente. Seus padrões não são muito rígidos, mas quando uma assadeira é lavada, ela não deve ficar gordurosa, e a gordura não pode ser tirada com o pano de prato que você vai usar para secar a louça. É uma questão de bom senso. Ele não é descuidado quando atua na construção. Quando instala uma prateleira, ele não o faz em um ângulo capaz de deixar os objetos escorregarem e se quebrarem. Ele faz o trabalho direito, com atenção, e ninguém o chamaria de perfeccionista ou o acusaria de ser exigente. Não que ela esteja disposta a reclamar. É um fato conhecido que, em determinados contextos, os principais pontos fortes das pessoas tornam-se seus defeitos mais épicos. A impaciência que ele demonstra com o trabalho doméstico deriva do fato de sua energia expansiva ultrapassar a escala das tarefas a serem executadas. Isso se nota na maneira como ele preenche uma sala, crescendo e elevando-se no espaço limitado, a voz alta, os gestos arrebatados. Ele pertence ao mundo exterior ou a um canteiro de obras, onde sua magnitude faz sentido. Em casa, o melhor que faz é dormir ao lado dela, seu volume em repouso e sua energia adormecida em uma espécie de ausência reconfortante.

Ela percorre os perfeitos cômodos da casa fechando cortinas, ajeitando almofadas, acertando quadros, tirando fiapos do tapete; basicamente deixando as coisas do modo como deseja encontrá-las pela manhã. É importante ter tudo sere-

namente em seu lugar ao começar o dia. No quarto, ela afasta as cobertas, separa um pijama para ele e uma camisola para si, alisando o tecido e dobrando as extremidades para diminuir a aparência de que as peças são corpos desabitados. Ainda assim, algo lhe causa agonia: o cordão branco do pijama escuro, os laços de seda na camisola. Ela sai do quarto e vai até a varanda. Venta forte e, na noite sem lua, a paisagem é um negro insondável. Ela se inclina para a escuridão, entregando-se a uma sensação de isolamento, saboreando o fato de poder controlá-la — demorando-se até não mais desejá-la e voltando a entrar em seguida. A estabilidade e a segurança de sua vida são uma grande satisfação; ela passou a valorizar as liberdades cotidianas, a ausência de exigências e complicações. Ao renunciar ao casamento formal e aos filhos, manteve o caminho livre, evitando a sensação de falta de espaço. Não há arrependimentos. Seus instintos maternos encontram vazão em seus clientes, e, na prática, ela é tão casada quanto qualquer uma. Seus amigos da faculdade a conhecem como Jodi Brett, mas para a maioria das pessoas ela é a Sra. Gilbert. Ela gosta do nome e do título; dão-lhe uma espécie de pedigree e funcionam como uma abreviação, eliminando a necessidade de corrigir as pessoas ou dar explicações, dispensando terminologias embaraçosas como *parceira* ou *companheira*.

Pela manhã, depois que ele sai para o trabalho, ela se levanta, se veste e leva o cachorro para passear pela margem do lago até o Navy Pier. O sol brilha envolvido por uma névoa leitosa, lançando uma rede de prata sobre a água. A brisa que sopra é pungentemente perfumada com os inebriantes aromas marinhos de óleo de motor, peixe e madeira podre. A essa hora do dia o quebra-mar é como um gigante adormecido, o pulso lento e a respiração tranquila. Há apenas os moradores — correndo ou passeando com os cães — para testemunhar o oscilar dos barcos, a água batendo, a roda-gigante e o carrossel abandonados, as gaivotas mergulhando em busca do desjejum. Quando ela se vira para contemplar cidade, a silhueta dos prédios é como uma visão emergindo ao longo da costa, dramaticamente iluminada pelo sol nascente. Jodi chegou a Chicago há mais de vinte anos, para estudar, e imediatamente sentiu-se em casa. Ela vive ali não apenas física, mas temperamentalmente. Após experimentar as limitações de uma cidade pequena, foi um deslumbramento se ver entre prédios altíssimos e multidões, saboreando aquela abundante variedade e até mesmo o clima dramático. Aquele é o lugar onde ela tornou-se mais velha, moldou sua identidade, aprendeu a prosperar como adulta e como profissional.

Ela começou a exercer a profissão logo que se formou. Na época, estava morando com Todd em um minúsculo quarto e sala em Lincoln Park. Seus primeiros clientes foram encaminhados por contatos da faculdade; ela os atendia na sala enquanto Todd estava trabalhando. Tendo decidido logo no início, quando ainda era estudante, que sua abordagem seria eclética — que ela aproveitaria tudo o que tinha em seu repertório que fizesse mais sentido na situação —, praticou escuta ativa, assumiu uma abordagem Gestalt para a interpretação de sonhos e desafiou abertamente atitudes e comportamentos autodestrutivos. Aconselhava as pessoas a exigir mais de si mesmas e a assumirem o controle do próprio bem-estar. Dava-lhes encorajamento e feedback positivo. Ao longo do primeiro ano, Jodi descobriu como ter paciência e como orientar as pessoas ao ritmo de cada uma delas. Seu maior trunfo era a sincera simpatia: ela gostava de seus clientes e dava-lhes o benefício da dúvida, o que os deixava à vontade. Começaram a falar bem dela para outras pessoas, e sua clientela aumentou.

Por quase um ano ela se saiu muito bem, encontrando seu ritmo, desenvolvendo habilidades, ganhando confiança. Então, certo dia, um de seus clientes, um jovem de quinze anos diagnosticado como bipolar, um bom menino, que ia bem na escola e *parecia* perfeitamente bem — Sebastian era seu nome —, cabelos e olhos escuros, curioso, interessado, que gostava de fazer perguntas retóricas (Por que existe algo em vez de nada? Como podemos ter certeza de alguma coisa?) —, este cliente dela, o jovem Sebastian, foi encontrado morto na calçada, embaixo da varanda de seu apartamento no décimo andar onde vivia com os pais. Quando o rapaz não apareceu para a sessão, ela ligou para a casa dele e recebeu a notícia da mãe. Àquela altura, ele já estava morto havia cinco dias.

A mãe dele teve a gentileza de dizer “Não se culpe”; mas ele se matara no mesmo dia de sua última sessão. Ela o vira pela manhã, e menos de doze horas depois ele havia tirado a própria vida. Sobre o que conversaram? Algum pequeno problema que ele vinha tendo com os olhos. Ele estava vendo coisas em sua visão periférica, imagens fugazes que não existiam na realidade.

Foi quando ela se matriculou na Adler School para aprofundar-se nos estudos, e foi aí que começou a escolher e selecionar seus clientes.

Ela atravessa o Gateway Park, conversa brevemente com uma vizinha, para no Caffè Rom e pede um *latte* para viagem. Enquanto come seu ovo mole com torradas amanteigadas, lê o jornal. Após o café da manhã, lava os pratos e em seguida pega o arquivo de seu primeiro cliente, codinome “o juiz”; um advogado gay com esposa e filhos. O juiz tem algumas coisas em comum com os outros clien-

tes dela. Ele chegou a uma encruzilhada em sua vida e acredita, ou espera, que a psicoterapia vai ajudá-lo. Ele se comprometeu consigo mesmo a superar aquele momento de impasse. E não traz para a sessão mais do que ela é capaz de administrar. Este último ponto Jodi determinou por meio de um processo de seleção. Pessoas com comportamentos autodestrutivos são indicadas para outros terapeutas. Ela não aceita tratar viciados, por exemplo — sejam drogas, álcool ou jogos de azar —, e rejeita qualquer pessoa que tenha um transtorno alimentar, que tenha sido diagnosticada como bipolar ou esquizofrênica, que sofra de depressão crônica ou que já tenha considerado ou tentado o suicídio. Essas pessoas deveriam estar sendo medicadas ou em reabilitação.

Sua agenda permite apenas dois clientes por dia, antes do almoço. Os clientes que ela acaba aceitando após a seleção tendem a ser travados, perdidos ou inseguros, um tipo de gente que acha difícil saber o que quer e que toma decisões com base no que é esperado delas ou no que acredita que se espera delas. Podem ser severos consigo mesmos — tendo internalizado os critérios de pais insensíveis — e, ao mesmo tempo, se comportarem de modo irresponsável ou inadequado. De forma geral, não conseguem estabelecer prioridades, têm extrema dificuldade em criar limites pessoais, negligenciam os próprios interesses e se veem como vítimas.

O quarto vago, que ela utiliza como consultório, abriga confortavelmente uma escrivaninha, um armário e um par de poltronas voltadas uma para a outra sobre um antigo tapete kilim de dois metros por dois e meio. Entre as cadeiras há uma mesa baixa sobre a qual ela deixa a prancheta e a caneta, uma caixa de lenços de papel, uma garrafa d'água e dois copos. O juiz usa o terno escuro de sempre, com camisa social preta e meias xadrez que aparecem por sob a barra da calça quando ele se senta e cruza as pernas. Tem trinta e oito anos, olhos e lábios sensuais em um rosto comprido. Sentando-se à sua frente, ela pergunta como ele tem passado desde que se viram pela última vez, há uma semana. Ele fala sobre a sua ida a um bar gay e conta o que aconteceu no beco dos fundos. Entra em detalhes, talvez na intenção de chocá-la, mas dificilmente vai consegui-lo abordando histórias de sexo consensual entre adultos; além do mais, essa não é a primeira vez que ele testa sua paciência com algo parecido. Ele fala rápido, mudando de assunto no meio das frases, revivendo aquilo, fazendo de tudo para atrair o interesse dela.

— Minha calça estava arriada até os tornozelos... imagine se alguém tivesse... ah, meu Deus, e aquele fedor de lixo... Eu me concentrei naquilo... no

lixo... para dar uma esfriada... eu tinha que fazer *alguma coisa*. Ele estava olhando para mim no bar. Eu já o tinha visto antes, mas não acredito que... Eu não ia àquele bar fazia muito tempo.

À medida que narra a história, ele a olha com malícia, olhos brilhando, os lábios úmidos de saliva. Ele quer que ela ria e diga: menino travesso, você é terrível; mas seu trabalho não envolve preencher lacunas na conversa ou cumprir resgates sociais. O juiz espera. Como ela não diz nada, ele se inquieta e olha para as próprias mãos.

— Bom — diz ele afinal —, eu sinto muito. Sinto mesmo. Sinto muitíssimo. Eu não deveria ter feito aquilo.

São palavras que ele não pode dizer à esposa, então diz à terapeuta.

Seu padrão é negação, seguida por indulgência, seguida por um novo período de negação. A fase de negação é seguida por declarações do tipo: “Eu amo minha família e não quero machucá-la.” O remorso é genuíno, mas ele não consegue nem desistir de suas atividades homossexuais nem renunciar ao cobertor de segurança de sua vida doméstica. Cada uma das duas desempenha um papel na satisfação de suas necessidades, e ambas são importantes para sua identidade. Ele finge para si mesmo que seu interesse por homens é uma fase passageira e não vê que a abstinência e a culpa são maneiras de ter emoções mais intensas. Como muitas pessoas que traem, ele gosta de drama. É mais bicha do que pensa ser.

— Você é o juiz — diz ela.

Mas ele ainda está longe de tomar o controle.

Quarta-feira é o dia dos adúlteros. Sua próxima cliente, Miss Piggy, uma jovem tímida com bochechas rechonchudas e mãos sardentas, afirma que ter um amante estimula seu apetite sexual e mantém o casamento vivo. De acordo com Miss Piggy, o marido não suspeita de nada e não teria direito de reclamar caso suspeitasse. Não se sabe por que Miss Piggy faz terapia ou o que ela espera obter com isso. Ela difere do juiz na carência de uma consciência crítica e na maneira prática como realiza o adultério: sempre nas tardes de segunda e quinta-feira, entre ir ao supermercado e buscar os filhos na escola.

Embora Miss Piggy pareça menos conflituosa que o juiz, do ponto de vista de Jodi ela é um desafio maior. Sua ansiedade flui sob a superfície, em rios subterrâneos, raramente borbulhando ou provocando alguma perturbação. Chegar até lá e trazer isso até seu campo de consciência não será fácil. Por outro lado, o juiz é simplesmente um livro aberto, um homem sensível que se

meteu em confusão. Com ou sem a ajuda de Jodi, o problema do juiz acabará piorando e ele encontrará um meio de solucioná-lo.

Apesar de Miss Piggy acreditar que o marido não sabe de nada, Jodi imagina que ele tenha suas suspeitas. Sempre surgem sinais, como ela bem o sabe. Por exemplo: o adúltero muitas vezes parece distraído ou preocupado; o adúltero não gosta de ser questionado; cheiros inexplicáveis se agregam ao cabelo e às roupas do adúltero. Quaisquer cheiros: incenso, mofo, grama. Antisséptico bucal. Quem usa antisséptico bucal no fim do dia, antes de voltar para casa para dormir? Um chuveiro pode eliminar odores corporais reveladores, mas o sabão que o adúltero usa no banheiro do motel será diferente do que usa em casa. Além disso, há as pistas de sempre: cabelos ruivos ou loiros, manchas de batom, roupas amarrotadas, telefonemas furtivos, ausências inexplicáveis, misteriosas marcas no corpo... Para não mencionar aquisições curiosas — o belo chuveiro ou o frasco de loção pós-barba — que aparecem do nada, especialmente no Dia dos Namorados.

Ao menos ele faz de tudo para ser discreto e assume a regra de não avançar em amigas dela, embora tenha havido exceções. Havia um casal de quem costumavam ser íntimos, pessoas que conheceram em férias no Caribe, amizade selada em meio a margaritas e aulas de mergulho. O casal tinha um negócio de venda de casas pré-fabricadas, o que Todd desprezava. Contudo, durante seguidos invernos, fizeram questão de se encontrar com o casal em resorts escolhidos. Ela suspeitava de que estava rolando algo entre Todd e Sheila, mas afastou aquilo de sua mente até a tarde em que ambos desapareceram da beira da piscina e reapareceram pouco depois, parecendo gatos que haviam acabado de traçar uma grande tigela de leite. Apenas isso teria passado despercebido, mas havia também o volume sutil na sunga de Todd e o brilho de algo gelatinoso nos pelos de seu peito.

No entanto, nada disso importa. Simplesmente não importa que vez por outra ele entregue o jogo, porque ambos sabem que ele é um adúltero, e ele sabe que ela sabe, mas a questão é que as aparências, as importantíssimas aparências, devem ser mantidas, a ilusão de que está tudo bem e que não há nada com que se preocupar. Desde que os fatos não sejam abertamente declarados, desde que ele fale com ela em eufemismos e circunlóquios, desde que as coisas estejam funcionando sem problemas e prevaleça a calma na superfície, eles podem continuar vivendo suas vidas, sendo um fato conhecido que a vida bem vivida equivale a uma série de compromissos com base na aceitação das pessoas ao seu redor, com suas necessidades e idiosincrasias, que nem sempre podem

ser adaptadas ao seu gosto ou obrigadas a atender normas sociais conservadoras. As pessoas vivem suas vidas, expressam-se e buscam satisfação a sua maneira e a seu tempo. Cometerão erros, farão julgamentos equivocados, serão inoportunas, seguirão caminhos errados, desenvolverão hábitos prejudiciais e sairão pela tangente. Se há algo que ela aprendeu na faculdade foi isso, cortesia de Albert Ellis, o pai da mudança de paradigma cognitivo-comportamental em psicoterapia. Os outros não estão aqui para satisfazer as nossas necessidades ou expectativas, e nem sempre nos tratarão bem. Não aceitar isso é ver surgir sentimentos de raiva e rancor. A paz de espírito vem quando aceitamos as pessoas como elas são, enfatizando seu lado positivo.

Os adúlteros prosperam; muitos deles prosperam. E mesmo que não prosperem, não vão mudar, porque, de modo geral, as pessoas não mudam — não sem forte motivação e esforço contínuo. Traços básicos de personalidade se desenvolvem no início da vida e ao longo do tempo tornam-se invioláveis, inatos. A maioria das pessoas pouco aprende por experiência, raramente pensa em ajustar o próprio comportamento, acha que os problemas emanam dos outros ao seu redor e continua a agir da mesma forma, aconteça o que acontecer, seja para o bem ou para o mal. Um adúltero continua a ser um adúltero da mesma forma que um otimista permanece otimista. Um otimista é uma pessoa que, após ter sido atropelada por um motorista bêbado, ter as duas pernas amputadas e hipotecar a casa para pagar as contas do hospital, diz: “Tive sorte. Eu poderia ter morrido.” Para um otimista, esse tipo de declaração faz sentido. Para um adúltero, faz sentido viver uma vida dupla e ser dissimulado.

Ao afirmar que as pessoas não mudam, o que ela quer dizer é que não mudam para melhor; quanto a mudanças para pior, isso nem se fala. De alguma forma a vida consegue mudar a pessoa que você pensava que fosse. Jodi costumava ser uma boa pessoa, boa por completo, mas não pode mais dizer isso de si mesma. Certa vez, jogou no lago o celular de Todd após ouvir a mensagem de voz em que uma mulher se referia a ele como “Lobinho”. Em outra oportunidade, colocou as cuecas dele para lavar junto com roupas coloridas. E houve as muitas vezes em que providenciou que ele perdesse coisas. Ela não se orgulha desses delitos. Bem que gostaria de pensar que está acima desse tipo de comportamento, que aceita quem ele é, que não é uma daquelas mulheres que acham que seus homens lhe devem algo mesmo tendo entrado nessa de olhos abertos, mas ela acredita que as transgressões que comete são leves em comparação com as liberdades que ele toma de vez em quando.

Após se despedir da Miss Piggy, ela vai até a academia de ginástica do prédio, onde levanta pesos e pedala dez quilômetros. Depois almoça sobras de legumes frios com maionese, toma um banho e se veste para executar uma série de pequenas tarefas. Antes de sair, escreve instruções para Klara, que vem fazer a faxina nas tardes de quarta-feira. A rotina diária é o grande bálsamo que mantém seu espírito elevado e sustenta sua vida, afastando o medo existencial que pode emboscá-la sempre que ela hesitar ou se sentir perdida, lembrando-a da magnitude do vazio sobre o qual está assentada. Ocupar-se é o modo de vida da classe média — um modo de vida prático e um bom modo de vida. Ela gosta de agendar os clientes, cuidar da casa e manter-se em forma e bem arrumada. Gosta das coisas organizadas e previsíveis e se sente segura quando seu tempo é programado com antecedência. É um prazer folhear a agenda e ver o que tem pela frente: ginástica, hora marcada no cabeleireiro, exames médicos, sessões de pilates. Ela comparece a quase todos os eventos organizados por sua associação profissional e se inscreve em cursos de qualquer assunto que lhe interesse. À noite, quando não está cozinhando para Todd, janta com as amigas. E todo ano tem as duas férias longas — uma no verão, outra no inverno — das quais ela e Todd sempre desfrutam juntos.

Dirigindo seu Audi Coupe, ela abre os vidros e absorve o ruído e a comoção da cidade, desfrutando do clamor e do tumulto de coisas que acontecem em toda parte: vendedores ambulantes, músicos de rua e feiras livres — saboreia até mesmo multidões, sirenes e engarrafamentos. Uma adolescente com um monte de balões dança pela rua. Um homem de avental branco está sentado na posição de lótus nos degraus de um restaurante. Ela para na loja de molduras com a pintura Rajput, escolhe um livro de viagens, compra uma balança de cozinha para substituir a que quebrou e, no caminho de casa, se senta com um frappuccino na Starbucks local, ainda com tempo suficiente para passear com o cachorro e assar costeletas para o jantar antes de ir para a aula de arranjos florais.